



3805 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

?ESCOLA DO CORPO??: CURRÍCULO E IMPLICAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE(S) NA PEDAGOGIZAÇÃO DE BAILARINOS(AS)

José Rodolfo do Nascimento Pereira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Jeane Félix da Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Este artigo objetiva refletir sobre os modos pelos quais o currículo produz, regula e (re)articula as aprendizagens sobre corpo, gênero e sexualidade em uma Escola de Dança da cidade de João Pessoa (PB). Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento situada, metodologicamente, como qualitativa, documental e empírica. Os instrumentos de coleta de dados são: observação participante, diário de campo e entrevista semiestruturada.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade(s); Currículo.

INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, assuntos como corpo, gênero e sexualidade(s) têm ganhado visibilidade na esfera social e, com isso, espaço nas discussões acadêmicas. Sendo objeto privilegiado de olhares dos cientistas, religiosos, antropólogos(as), psicólogos(as) e educadores(as), muitas questões emergem sobre estes temas trazendo-nos muitos motivos para refleti-los, dialogar sobre eles e problematizá-los.

Há quase 10 anos estou no meio da dança (especificamente no balé). Inseri-me por meio de uma escola de ensino técnico e sigo elencando uma Cia de dança profissional. Essa escola de dança a qual me inseri e os (des)caminhos percorridos por mim nesse tempo todo, me fizeram perceber que o balé se evidenciava cada dia mais como uma prática que encaixotava e normatizava corpos de meninos e meninas de maneiras diferenciadas, reificando assim que existem papéis e lugares construídos socialmente para meninos e meninas, homens e mulheres.

O balé é uma experiência vivenciada em um corpo que é, ao mesmo tempo, generificado e sexualizado e isso implica pensar o corpo como uma construção social sexualizada e generificada, o que nos permite dizer que os sentidos atribuídos a esse corpo podem ser ensinados e aprendidos. São os atos pedagógicos e educativos que interpelam os corpos que me interessam neste momento, por isso, eles têm sido objetos de minhas pesquisas no mestrado em Educação.

Metodologicamente, esta pesquisa, está sendo construída a partir dos referenciais teóricos dos estudos de gênero, corpo, sexualidade e Estudos Culturais da Educação. As matizes teóricas que desenham esta pesquisa constituem-se de autores (as) importantes na área da educação, estudos de gênero, sexualidade(s), do currículo e do campo das teorias pós-críticas, a saber: Louro (2004;2018;2016;2000), Goellner (2013), Paraíso (2004;2010;2016), Le Breton (2006), Weeks (1993;1996), Silva (2006,2015).

JUSTIFICATIVA

Compreendendo a urgência e a relevância da discussão dos temas de corpo, gênero e sexualidade(s), tendo em vista também as minhas inquietações e afetações pessoais, este artigo se constitui como parte do meu projeto de dissertação de mestrado onde me insiro como pesquisador na linha dos Estudos Culturais da Educação.

Antes de seguir com a discussão que ora se anuncia, é preciso sinalizar sinteticamente alguns conceitos que serão operados ao longo deste artigo.

O corpo que aqui se fala vai além do conjunto de músculos, ossos e articulações que compõem o corpo humano. Não se pode negar a materialidade do corpo, mas é preciso ampliar sua compreensão como um construto histórico, cultural e político, em outros termos, quero dizer que aquilo que é valorizado ou desvalorizado em um corpo, em uma dada cultura e momento histórico é sempre uma construção humana. O corpo seria, pois, uma ferramenta de projeção de sentidos, significados e valores (LE BRETON, 2006).

Entendendo os desdobramentos do conceito de gênero como ferramenta teórica, política e pedagógica (MEYER, 2004), compreendo que gênero "vai nos constituindo como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo" (LOURO, 2013). Ou seja, existem formas plurais de ser homem e de ser mulher que não se limitam a forma homem-machão e mulher-delicada e que isso é pedagógico, podendo ser aprendido e ensinado. De maneira particular, acredito que o modelo de uma educação binária e dicotômica ainda é muito potente na educação do século XXI. Portanto, problematizar e refletir sobre as desigualdades de gênero e sexualidade (re)produzidas para reforçar padrões e lugares socialmente construídos para homens e mulheres é uma maneira de (re)pensar normas e transformá-las.

Compreendendo que a sexualidade não pode ser vista de modo reduzido, levando em conta somente os componentes biológicos, pois "esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais" (WEEKS, 1993), entendo a sexualidade como uma construção social que é "tecida nas redes de todos os pertencimentos sociais que abraçamos" (WEEKS, 1995, p. 88), que é plural e, portanto, existem inúmeras formas de se vivê-la (GOELLNER, 2013) e expressá-la. Em virtude disso, decidi utilizar, nesta pesquisa, o termo sexualidades no plural.

Entendo currículo como um campo cultural, instância de produção e circulação de discursos e práticas, na qual se travam lutas em torno da

significação sobre os sujeitos (PARÁISO, 2004; SILVA, 2006). Por meio dos currículos se busca definir o que os sujeitos devem aprender e como isso deve ser feito, sinalizando sua potência como instrumento de reprodução ou de transformação social.

Não existe novidade em dizer que estamos implicados “até o pescoço” em um modelo de educação que é generificado, mas, acredito que seja importante problematizar e desnaturalizar as práticas sexistas construídas cotidianamente como uma forma de (re)pensar o modelo de educação que estamos trilhando, tendo em vista promover um outro que seja inclusivo, plural e que a diferença seja um lugar de aprendizagens. No âmbito de tais aprendizagens, Louro (2000) indica que “as práticas escolares não são meros transmissores de representações sociais que estão a circular em algum lugar, “lá fora”; são instâncias que carregam e (re)produzem representações”, de corpo, gênero e sexualidade. Pensar o corpo como uma construção social sexualizada e generificada nos permite dizer que os sentidos atribuídos a esse corpo podem ser ensinados e aprendidos.

Esta pesquisa se inscreve na interface dos campos dos Estudos Culturais da Educação, dos estudos de Gênero, Sexualidades e Currículo na medida em que todos esses campos se articulam para dar *corpus* teórico à pesquisa que ora se (re)constrói.

Desse modo, a questão central que esta pesquisa busca responder é:

- Como o currículo produz, regula e (re)articula as aprendizagens sobre corpo, gênero e sexualidade na Escola de Dança do Teatro Santa Roza?

Desdobro a minha questão central em outras, a saber:

- Como se dão os processos de generificação dos currículos ofertados por uma Escola de Dança da cidade de João Pessoa (PB)?
- Quais as estratégias utilizadas para pedagogizar corpos de meninos e meninas?
- Quais as normas de gênero e sexualidade atravessam o currículo e o material didático utilizado pelos professores da Escola de Dança do Teatro Santa Roza e de que modo ocorrem esses atravessamentos?

PISTAS METODOLÓGICAS

Esta pesquisa se inscreve no campo dos Estudos Culturais da Educação, e dos estudos de gênero e sexualidades no âmbito das teorias pós-críticas.

Inicialmente, inscreve-se como qualitativa, documental, empírica. A pesquisa qualitativa pode ser pensada como “um conjunto de práticas interpretativas que tornam o mundo “visível”, o transformam em uma série de representações na forma de observações, anotações, gravações e documentos” (SAMPIERE, CALADO & LUCIO, 2013, p. 35).

Segundo Gil (2008, p. 46), a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Nessa tipologia de pesquisa, os documentos são caracterizados em dois tipos: os de primeira mão e os de segunda mão. Gil (2008, p. 46) define os documentos de primeira mão como os que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. Os documentos de segunda mão são os que, de alguma forma, já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, entre outros.

Nesta pesquisa, os instrumentos de coleta de dados serão: a observação participante, diário de campo ou de observação e entrevista semiestruturada.

Com a intenção de me inteirar cada vez mais aos sujeitos que pesquisarei, decidi adotar a observação participante, corroborando com Flick (2013), quando ele diz que, nesse tipo de observação, “a distância entre o pesquisador e a situação observada é reduzida”. A observação participante pode ser entendida como um processo de duas partes (FLICK, 2013), quais sejam: primeiro, supõe-se que o pesquisador se torne participante e encontrem acesso ao campo e aos sujeitos, segundo, a observação deve passar por um processo para se tornar cada vez mais concreta e concentrada para as questões essenciais da pesquisa. Ainda, segundo Flick (2013), podem-se distinguir três fases da observação participante, são elas: observação descritiva, observação focalizada, observação seletiva. Como forma de materializar as informações coletadas durante a observação, optei pelo diário de campo.

O diário de campo, por sua vez, é “utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida” (MACEDO, 2010, p. 134). Bogdan e Biklen apontam que as notas ou anotações de campo consistem em dois tipos de materiais: o primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que “apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações”. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152). Sendo assim, no diário de campo serão anotadas todas as experiências, vivências, impressões, afetações, dúvidas, sentimentos e inquietações para com os sujeitos e o lócus a ser estudado.

Entre os mais diversos tipos de entrevista, optei pela semiestruturada, pois, acredito que este tipo é o que mais se associa aos objetivos propostos na pesquisa. Segundo Olsen (2015), ela é chamada de “semiestruturada” porque sua “estrutura básica que preenche o tempo alocado é definida previamente” (OLSEN, 2015, p. 44). De modo geral, nesse tipo de entrevista, é elaborado um roteiro semiestruturado que permite ao(à) entrevistador(a) uma organização prévia, mas com certa flexibilidade nas perguntas a serem feitas.

Para a análise do material coletado durante a pesquisa, será adotado o método da Análise Cultural, que se apoia sobre nas lentes dos Estudos Culturais e principalmente do conceito de cultura buscando explorar seu alcance epistemológico como sistema capaz de interpretar significados.

IMPRESSÕES INICIAIS

Com o caminhar da pesquisa que se (re)constrói a todo tempo, penso que seja pertinente falar das minhas aproximações e impressões iniciais quanto a pesquisa.

Há quase 10 anos dançando e distante de observar as práticas que hoje olho como pesquisador, pude perceber que o balé se evidencia como uma prática feminina cotidianamente por algumas razões, quais sejam: a aula é pensada para as meninas, uma vez que o material que as/os professores usam para as aulas quase sempre é rosa, fazem referência a princesas, bonecas, figuras consideradas frágeis socialmente e portanto são associadas as mulheres. Percebi também que existem formas direcionadas de ensinar para as meninas e meninos bem como passos de uma aula de balé que as meninas fazem e os meninos não fazem e vice versa. Além disso, as meninas ocupam lugares principais na sala de aula, restando para os meninos os lugares de menos centralidade. Existe uma segregação que

separa os meninos das meninas. Nosso corpos são "significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados" (LOURO, 2016, p.14) Culturalmente e socialmente, o balé é basicamente uma prática feminina. A escola corrobora com essas questões a medida que delimita espaços. Na medida em que diz o que cada um pode (ou não). Na medida que "informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas" (LOURO, 2014, p. 62). A escola entende de separar, classificar, hierarquizar mas, precisa aprender a ressignificar e a perceber que a diferença é um lugar de aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado, este artigo é parte do meu projeto de dissertação que se encontra em curso, em fase de (re)(des)construção. Os procedimentos de coleta de dados não foram iniciados e, portanto, não se tem ainda nenhum resultado preciso sobre a pesquisa a não ser falar das primeiras impressões e de reificar a necessidade de discutir, dialogar e problematizar temas como os que venho desenvolvendo na minha pesquisa. Falar de gênero e sexualidade(s) no atual cenário social se faz urgente, tendo em vista todos os atravessamentos que esses temas causam, sobretudo na educação que é um lugar privilegiado onde os processos de aprendizagens podem acontecer.

Diante do exposto, é preciso resistir diante de uma sociedade que ainda é retrógrada em discussões como as que este artigo traz, engessando a sociedade e acreditando que existem papéis sociais e lugares sociais para homens e mulheres. Penso que seja válido refletir sobre questões contemporâneas de maneira a (re)pensar a educação que temos feito diariamente.

REFERÊNCIAS

Le Breton, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006. 104 pp

MEYER, D. E.; Soares, R. F. R. (2004). "**Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão**". In: Meyer, D. E. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre, Mediação, pp. 5-6.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: Um Guia Para Iniciantes. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 3a edição, 2013, p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, 92p.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa?formação**. Brasília:LiberLivro 2010.

WEEKS, Jeffrey. **Invented moralities**: sexual values in an age of uncertainty. Nova York: Columbia University Press, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLSEN, Wendy. **Coleta de dados**: Debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2015.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Contribuições dos estudos culturais para a educação**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, jan./fev. 2004.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender** Revista Linhas, Florianópolis, v.17, n.33, p.206-237, jan./abr.2016. Disponível em:http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817332016206/pdf_102. Acesso em: 28/07/2017

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.